

Antropologia Portuguesa

16-17 · 1999-2000

Departamento de Antropologia | Universidade de Coimbra

Recensões

Gellner, Ernest 1998. *Dos Nacionalismos*, Lisboa, Teorema (*Encounters with Nationalism* 1994). 242 pp. ISBN 972-695-319-7

Encounters with Nationalism, uma colectânea de artigos escritos entre 1989 e 1994, surge agora numa tradução portuguesa sob o título *Dos Nacionalismos*. É conhecido o contributo do seu autor, o antropólogo, filósofo e teórico social Ernest Gellner, para a reflexão sobre o nacionalismo. As suas teses sobre este fenómeno surgem ainda em 1965 no livro *Thought and Change*, mas é com *Nações e Nacionalismo*, de 1983*, que Gellner se transforma na referência incontornável que hoje conhecemos no campo da reflexão sobre o fenómeno nacionalista. E, juntamente com *Imagined Communities* de Benedict Anderson e *The Invention of Tradition* de Eric Hobsbawm e Terence Ranger, publicados no mesmo ano, torna-se numa das obras responsáveis pelo (re)lançamento desta temática nas Ciências Sociais.

O modelo que Gellner propõe para explicar o nacionalismo incorpora duas concepções fundamentais. Primeiramente, a ideia de que nem a nação nem o nacionalismo se encontram inscritos na natureza das coisas ou no coração dos homens, tratando-se antes de factos historicamente contingentes. Em segundo lugar, a percepção de que nação e nacionalismo surgem na passagem do século XVIII para o XIX, devido às condições sociais que caracterizam esse mesmo período e não, como defenderiam outros autores, como resultado das ideias de determinados filósofos e pensadores largamente difundidas a partir de então. Tais condições sociais seriam aquelas que caracterizariam a sociedade industrial, isto é, a era em que vivemos.

Como resultado desta concepção, as teses de Gellner são inevitavelmente colocadas em diálogo com o pensamento de Marx que antevira o fim do nacionalismo como consequência do processo de industrialização.

* *Nações e Nacionalismo*, edição portuguesa, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1998.

O domínio do pensamento marxista nas ciências sociais foi, aliás, responsável pelo apagamento a que foi votado o fenómeno nacionalista enquanto tema de reflexão e produção teórica até aos anos 80. Para o marxismo, como sublinhou Benedict Anderson no já referido *Imagined Communities*, o nacionalismo era sobretudo uma incómoda *anomia*, tentando assim ignorar-se a sua força no mundo moderno.

O confronto com as teses de Marx constitui precisamente um dos temas que atravessa *Dos Nacionalismos*. No capítulo 3, Gellner explora as razões que o terão levado a vislumbrar uma relação tão estreita onde Marx e Engels identificaram uma incompatibilidade. Uma das chaves da questão está na própria noção de nacionalismo. A aversão de Marx a todo o tipo de relação comunitária herdada do passado, e a tese de que o industrialismo iria esbater essas formas de organização alienantes, em benefício da estrutura de classes, levou-o a entender que também os laços étnicos e nacionais se diluiriam. Ora, segundo o modelo de Gellner, proposto em *Nações e Nacionalismo* e reiterado neste livro, a identidade nacional é um fenómeno moderno, ligado, não a culturas populares antigas e a estruturas sociais tradicionais, mas a uma cultura erudita e massificada. Nas palavras de Gellner, a ordem nacionalista rompe com uma sociedade onde impera uma "tecnologia estática e uma hierarquia estável, em que a cultura serve sobretudo para indicar o estatuto dos indivíduos e dos grupos na estrutura geral", caracterizando-se por "massas anónimas com mobilidade que partilham uma cultura letrada transmitida por um sistema educacional e protegidas por um Estado identificado com essa cultura." (p.44).

A relação entre marxismo e nacionalismo é também abordada no capítulo 1, onde, tendo em conta o livro de Roman Szporluk, *Communism and Nationalism*, Marx é comparado com Liszt. E se em Liszt (apesar de certas ambiguidades que também são identificadas) se reconhece a capacidade de compreender o elo, para Gellner fundamental, entre industrialismo e nação, já Marx é largamente criticado devido ao desprezo a que vota a nação em benefício das classes sociais, na sua reflexão sobre as transformações históricas da sociedade. O veredicto é simples: "Em tudo isto, Liszt foi superior a Marx e muito mais presciente". E Gellner sublinha mesmo a forma como a sua própria interpretação se aproxima afinal tanto da de Liszt.

Tal como os capítulos já enunciados, muitos dos textos que podemos ler em *Dos Nacionalismos* debruçam-se sobre outros pensadores, analisa-

dos à luz da temática do nacionalismo. Deparamos, assim, com um conjunto de recensões a obras onde, directa ou indirectamente, o fenómeno nacionalista é abordado. A análise do livro de memórias de A. Sakharov (capítulo 8), por exemplo, surge aqui para ilustrar uma prática “admiravelmente universalista” que permite incorporar este cientista (ao contrário de Soljenitsine, cuja dissidência passava pela defesa da supostamente verdadeira alma russa) no conjunto de figuras que, no prefácio, Gellner classifica como não-nacionalistas. A reunião de tais recensões num mesmo volume deve-se, contudo, menos ao conteúdo específico dos livros a que se reportam, do que à leitura que Gellner faz dos mesmos.

A análise que dedica aos pontos de vista destes pensadores é, desde logo, uma forma de iluminar as suas próprias teses sobre o nacionalismo. O texto dedicado a Conor Cruise O’Brien (capítulo 5) e ao seu livro sobre a relação entre o fenómeno nacionalista e a religião ilustra-o bem. Outro exemplo, é o artigo onde Gellner analisa o pensamento político de Malinowski patente na obra *Freedom and Civilisation* de finais dos anos 40. O antropólogo que marcou a ruptura em relação à corrente evolucionista, defendendo a compreensão de cada cultura no seus próprios termos, advogaria um mundo totalmente colonizado, “governado por uma liga das nações com dentes”, em vez de um conjunto de nações totalmente independentes. “Não se esperaria que um antropólogo cometesse a asneira de supor que só os grupos dotados de Estado possuem uma cultura rica, intrincada e gratificante” (p.97). Esta visão de Malinowski basear-se-ia desde logo na sua própria experiência pessoal, uma vez que a Cracóvia da sua infância estava integrada no Império Habsburgo. Englobando diversas nações que, graças a essa realidade política, teriam vivido em paz entre si, o império era objecto de grande admiração e afecto por parte de Malinowski. O antropólogo polaco não defenderia, portanto, o princípio nacionalista por excelência, segundo o qual unidade cultural e unidade política devem corresponder uma à outra. A subtracção do seu ponto de vista a esse princípio, ilumina de forma incisiva, uma das concepções veiculadas pelo modelo de Gellner: a do carácter contingente daquilo que a ideia nacionalista naturalizou.

No que diz respeito à substância das teses de Gellner sobre a nação e o nacionalismo este livro pouco mais faz do que repetir as ideias já desenvolvidas nas suas obras anteriores. Apenas no texto sobre E.H.Carr (capítulo 2), Gellner apresenta alguns desenvolvimentos do seu modelo,

apresentando uma classificação do processo evolutivo do nacionalismo europeu em quatro zonas temporais. Oferece-nos, contudo, um novo ângulo de apreciação, que tem como enfoque as representações de outros autores.

Poder-se-á estranhar o relevo que este livro atribui à figura do intelectual, quando o seu autor, como ele próprio afirma no texto dedicado a O'Brien, é "alérgico a uma abordagem do nacionalismo a partir da história das ideias" (p.84). Mas, como já se terá percebido, os intelectuais não são aqui vistos como motores do nacionalismo. Gellner preocupa-se sobretudo com a relação destes pensadores com as transformações históricas e com a sua capacidade de entender a dinâmica do seu tempo. Este livro fala-nos, pois, da presciência de Liszt e do fracasso de Marx em relação à força do nacionalismo; da relação de Sakharov com o regime de Estaline e da débil luz que Heidegger lança sobre a ligação entre os intelectuais e o totalitarismo; da marca da Cracóvia do Império no pensamento político de Malinowski. Resta ainda referirmos a atenção que Gellner confere a intelectuais seus compatriotas, altamente comprometidos nos processos políticos da Checoslováquia, como Masaryc, Patocka e Havel, "um dramaturgo soberbo, mas um amador enquanto teórico da sociedade" (p.151). O interesse de Gellner pela relação destes intelectuais com as transformações sociais e políticas em que estiveram envolvidos relaciona-se, entretanto, com a sua preocupação em iluminar esses processos históricos. Ele próprio se interroga sobre aquilo que a sua teoria sobre o nacionalismo pode oferecer àqueles que lidam com a turbulência nacionalista no mundo real (p. 62-63).

Resta-nos acrescentar que Gellner não é apenas um filósofo e um cientista social. É também um excelente escritor, cujo estilo polemizante, inspirado e límpido facilita em muito qualquer tradução. A versão portuguesa, conseguindo manter algumas dessas características e o prazer da leitura que lhe está associado, encontra-se, contudo, pontuada por falhas várias (por exemplo, o título do texto dedicado ao pensamento político do antropólogo polaco Bronislaw Malinowski, "A Non-Nationalist Pole" no original, surge, na edição aqui recenseada, como "Um Pólo Não-nacionalista"). Uma revisão científica é o mínimo que se pode pedir a quem publica uma obra deste tipo. A inexistência de tal revisão é, de qualquer modo, apenas o sinal de um problema mais amplo da política editorial na área das ciências sociais, que subordina o lançamento de títulos como este

à popularidade imediata da sua temática (política que é sublinhada por alguns dos títulos que integram a colecção em que também se integra o livro de Gellner). O resultado desta perspectiva é uma edição que não serve nem leigos nem iniciados. Estes, devido aos defeitos já mencionados; os primeiros porque, à sedução do título, corresponde, afinal, um tratamento do tema de cariz eminentemente teórico que só pode ser convenientemente percebido com cuidados de edição (prefácio ou nota de apresentação) que contextualizem a obra publicada.

Vera Marques Alves

Centro de Estudos de Antropologia Social
Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa
Av. das Forças Armadas,
1649-026 Lisboa, Portugal
Veraalves@clix.pt